

Entrevista

Entrevista com Monique de SAINT MARTIN: gênese de uma vocação de socióloga

DOI: <https://doi.org/10.31990/agenda.2022.1.10>

Maria Chaves Jardim

Professora Livre Docente em Sociologia Econômica do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara. Bolsista Produtividade CNPQ. É líder do NESPOM-UNESP (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Sociedade, Emoções, Poder, Organização e Mercado) e colabora com o NESEFI-UFSCar (Núcleo de Sociologia Econômica e das Finanças). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5715-1430>. E-mail: maria.jardim@unesp.br.

Thais Joi Martins

Professora Doutora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) onde atua no Centro de Artes, Humanidades e Letras e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma Universidade. É Pesquisadora no NESEFI-UFSCar e no NESPOM-UNESP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0114-4658>. E-mail: thaisjoi@gmail.com.

Recebido em: 13/06/2022

Aprovado em: 01/07/2022

Monique de Saint Martin é socióloga, diretora de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e é membro do Institut de Recherche Interdisciplinaire sur les Enjeux Sociaux (IRIS). Realizou e dirigiu inúmeras pesquisas sobre sociologia das elites, sociologia do poder e sociologia da educação, dentre outras temas, e fez parte da equipe de pesquisadores coordenada por Pierre Bourdieu, quando escreveu diversos artigos com o autor, como o seminal *Anatomie du goût*, publicado na *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, em 1976. A lista de publicação de Saint Martin é extensa, mas damos destaque ao livro *L'espace de la noblesse* (Edição Métailié, 1993), bastante lido e citado pelos seus leitores brasileiros, que certamente apreciarão conhecer um pouco mais sobre essa socióloga, que é tão sensível e rigorosa ao tratar do mundo social. Devido ao isolamento social imposto pela pandemia Covid 19, a entrevista foi realizada de forma remota em outubro de 2021.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Entrevistadoras: Monique, gostaria que iniciasse essa entrevista nos contando sobre sua história familiar. Seus leitores brasileiros têm curiosidade em conhecer um pouco mais sobre sua vida pessoal. Quais suas origens familiares? Qual a profissão de seus pais? Teve irmãos e irmãs? Quantos? Nasceu em qual região na França?

Monique de Saint Martin: Muito obrigada, Maria e Thais, por me oferecerem esta entrevista e me convidarem a refletir sobre minha história familiar e minha trajetória. Foi em maio de 1940, em uma aldeia de 800 habitantes na região que hoje se chama *Hauts de France* e que no passado se chamava *Picardie*, que nasci. Morávamos em uma grande casa do tipo normando que meus pais construíram um pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Meu pai era proprietário agricultor de uma grande plantação agrícola, anteriormente administrada pelo seu sogro, que abrangia cem hectares. Não é uma grande dimensão de terra, mas naquela época e na França, era grande. Ele estudou agricultura na Universidade Católica de Angers. Minha mãe era filha única e havia cursado a escola secundária privada na Bélgica e não teve um emprego profissional.

284

Provavelmente não é uma grande herança cultural, como a dos filhos de professores, que meus irmãos, irmãs e eu recebemos; no entanto, para a nossa geração, era uma base cultural importante. Nossos pais estavam muito preocupados que suas crianças, filhos e filhas, se saíssem bem nos estudos e fossem bem-sucedidos; fomos considerados em comparação aos meus primos, como aqueles que foram longe nos estudos. O que sempre me pareceu importante é que meus pais nos apoiaram e investiram muito nos estudos de seus filhos; e também que o meu pai, que não era o mais velho, mas o segundo filho da família, veio trabalhar em uma propriedade da família da minha mãe: de certa forma não se sentia seguro de si e de poder assegurar a reprodução de sua família por meio do trabalho e do capital econômico, por isso, a importância da educação para os filhos. Devo acrescentar que era uma família considerada parte da aristocracia; meus avós paternos e maternos residiam em castelos. Nós éramos seis meninas e dois meninos, eu sou a terceira.

Fizemos essencialmente, e a maioria de nós, os estudos primários em casa com uma professora. Após esse início, eu fui interna em uma escola católica privada, para moças, perto de Paris em Verneuil sur

Seine e, no final dos estudos secundários, vim para Paris, em uma instituição privada onde fui externa. Depois do meu *baccalauréat*, fiz um ano de letras propedêuticas, me apaixonei pelo espanhol, pela literatura, pelas civilizações da Espanha e da América do Sul; me preparei e obtive uma licenciatura de espanhol. Em Paris, nossos pais que continuavam morando no campo, tinham um apartamento, onde nós – um dos meus irmãos, duas irmãs e eu – morávamos com uma prima um pouco mais velha, responsável por cuidar da gente; ela era executiva da empresa *Gaz de France*; nesse momento, percebi que era necessário que uma mulher tivesse um emprego, através do qual tivesse sua independência. Por isso estudei no Instituto Nacional de Técnicas de Documentação, e obtive o diploma de documentalista. Depois trabalhei dois anos como documentalista no Instituto de Planejamento e Urbanismo da região de Paris; em 1963 resolvi voltar a estudar e me matriculei na *Sorbonne* para a graduação em sociologia, que iniciei ao mesmo tempo em que comecei a trabalhar no Centro de Sociologia Europeia.

285

Minha irmã mais velha, depois de estudos de enfermeira, fez graduação em biologia e trabalhou como chefe de laboratório no Instituto Pasteur. Minha segunda irmã fez o ensino médio e depois o ensino superior para se tornar educadora especializada e exerceu sua profissão no campo enquanto estudava sociologia; ambas são falecidas. Depois de mim, vieram dois irmãos, o primeiro foi para a *École Polytechnique* depois para a *École des Ponts et Chaussées*, e se tornou engenheiro de pontes e estradas e o segundo estudou na *Sciences Po* e se tornou executivo em várias empresas privadas antes de fundar sua própria empresa. Depois, ainda tenho três irmãs, a 6ª dos filhos era formada em psicologia, e não trabalhou depois do casamento; o marido era engenheiro de obras públicas, ela o acompanhou em cidades do interior e no estrangeiro e abandonou a carreira profissional. A 7ª fez a agregação de letras clássicas e foi professora do ensino secundário em francês, latim, grego. E a 8ª fez graduação em alemão e se tornou professora de alemão em uma escola particular da região de Paris. Portanto, há muitos pontos em comum entre nós e, no entanto, tivemos trajetórias bastante diversificadas.

Eu acrescento que há quase 40 anos, eu compartilho a vida com César, nascido no Peru, arquiteto profissional, se tornou escritor e vive na França após estudar arquitetura no Brasil e passar alguns anos nos Estados Unidos. Eu devo muito a ele.

Entrevistadoras: Monique, quais foram suas principais referências teóricas? Quais autores você leu na sua juventude e também na sua formação como socióloga, que você considera um marcador em sua vida acadêmica?

Monique de Saint Martin: Eu citarei alguns autores ou títulos, dentre os que mais me importaram, *O Essai sur le don*, de Marcel Mauss, foi uma revelação. Foi Jean-Claude Passeron, então professor-assistente da *Sorbonne*, que nos fez ler e o comentou de uma forma que me marcou profundamente, me fez desejar seguir sociologia e fazer pesquisas. A partir dessas análises das diferentes formas de dádiva e troca – fenômenos econômicos, políticos e religiosos –, percebi que não se tratava apenas de dar, mas também de receber e retribuir. De Max Weber, lembro-me de *Le savant et le politique*, assim como *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme*, que me ajudaram a refletir sobre o peso das diferentes religiões, especialmente na educação. Norbert Elias, que descobri e li um pouco mais tarde, foi uma fonte decisiva de reflexão e análise, seja através de *La société de cour*, com a importância do reconhecimento ou através de *Qu'est-ce que la sociologie?*, onde afirma que o poder não é um amuleto da sorte, nem um fetiche, um “amuleto” que alguns têm a sorte de ter e que os outros não têm; o poder não é uma substância, uma coisa a ser tomada, mas se inscreve nas relações. *Logiques de l'exclusion* também foi muito importante. De Emile Durkheim, foi seu livro *L'évolution pédagogique en France* o que mais me impressionou e mais me interessou; a história do ensino secundário na França desde o século IV até os dias de hoje é traçada ali e o livro nos permite entender e conhecer melhor de onde vêm as estruturas, rotinas e ideais da escola na França.

286

Trabalhar com Bourdieu deu-me um impulso científico bastante excepcional. Foi com Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron que realmente descobri e aprendi *Le métier de sociologue*, livro publicado em 1968, reeditado várias vezes, e finalmente publicada em 2021 uma nova edição apresentada por Paul Pasquali que analisa, com base em arquivos inéditos, a história e gênese do livro¹. São talvez menos os grandes livros de Pierre Bourdieu do que seu trabalho sobre o celibato entre os camponeses no Béarn ou seu livro *Algérie 60 Structures économiques et structures*

1 BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Le métier de sociologue**. Apresentação de Paul Pasquali. Paris: Ed. de l'EHESS, 2021.

temporelles que me marcaram e inspiraram. São também seus textos operacionalizando a noção de campo que me interessaram muito e me inspiraram, mesmo que eu criticasse, às vezes, o uso abusivo dessa noção. As análises de Luc Boltanski sobre *Les cadres* e a constituição de um grupo social foram esclarecedoras, especialmente quando se tratava de compreender e explicar o status dos atuais descendentes da antiga nobreza da França.

Li com grande interesse Erving Goffman, *Asiles, Etudes sur la condition sociale des malades mentaux*, que abre um campo de pesquisa sobre instituições totais e *Stigmaté: Les usages sociaux des handicaps*, que me alertaram para a grande diversidade de estigmas, por exemplo, que usar um sobrenome de origem nobre podia ser um estigma na URSS. A leitura de Maurice Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*, foi decisiva para compreender como a nobreza pode ser um fenômeno de crença. O curso do ano de 1976 de Michel Foucault no *Collège de France* me permitiu apreender os processos de resistência ao poder, apreender o estudo do poder em ação e o das múltiplas e entrelaçadas relações de poder que “cruzam, caracterizam, constituem o corpo social”², de certa forma distanciando-me da sociologia do campo do poder de Pierre Bourdieu.

287

Fiquei impressionada com o livro de Michael Pollak, *L'expérience concentrationnaire. Essai sur le maintien de l'identité sociale*, que oferece uma análise magistral e pungente das histórias dos sobreviventes dos campos de concentração. Também fiquei profundamente emocionada ao ler vários dos textos escritos a partir de entrevistas, muitas vezes com imigrantes argelinos, recolhidas por Abdelmalek Sayad, cuja sociologia era o mais próxima possível da experiência migratória individual e coletiva.

Desde minha primeira estadia de pesquisa no Brasil, em 1975, comecei a ler os trabalhos de muitos pesquisadores brasileiros. Gostei muito de *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*, de José Sérgio Leite Lopes, em uma fábrica de trabalhadores do setor de cana-de-açúcar, não mobilizados como os trabalhadores do ABC paulista, mas tendo, porém, uma visão crítica do processo de exploração, que

² FOUCAULT, Michel. **Il faut défendre la société, Cours au CDF, 1976**. Paris: Gallimard, Seuil, Hautes études, 1997. p. 22.

me permitiu descobrir um mundo desconhecido e complexo, longe de clichês sobre a classe trabalhadora.

Os trabalhos e obras de historiadores me acompanharam muitas vezes ao longo de minha trajetória, seja a história da educação, a história das elites ou a história da nobreza. Destacarei Marc Bloch, *Les rois thaumaturges*, com a análise do milagre da cura da escrófula pelo simples toque das mãos do rei, e Claude Isabelle Brelot, *La noblesse réinventée. Nobles de Franche-Comté de 1814 à 1870*, que em seu livro insiste, com razão, na importância e na necessidade de estudar o confronto da nobreza francesa e o igualitarismo pós-revolucionário; em outras palavras, a nobreza deve ser estudada em suas relações com outros grupos, o que frequentemente era negligenciado.

Entrevistadoras: Como estava o campo acadêmico francês no momento em que você se tornava pesquisadora em sociologia. Quais eram os autores dominantes? Quais eram os discursos de vanguardas?

288

Monique de Saint Martin: No início da década de 1960, na França, o interesse pelas ciências sociais cresceu e a sociologia se tornou independente da filosofia. No que diz respeito ao ensino, as graduações e os doutorados em sociologia foram criados em 1958, primeiro em Paris, um pouco mais tarde no interior. O número de professores, pesquisadores e estudantes de sociologia aumentou consideravelmente. Foram fundados vários periódicos de sociologia: *Sociologie du Travail* em 1959, *Revue française de sociologie* em 1960; houve muitas iniciativas no ensino de sociologia e na pesquisa.

Na *Sorbonne*, onde eu estudava sociologia, em 1963 havia dois grandes professores e de certa forma dois “clãs”: Raymond Aron, em uma posição dominante, cujos cursos, em particular sobre *Dix-huit leçons sur la société industrielle* eram muito procurados, promotor do liberalismo, que fundou o Centro de Sociologia Europeia e que era ao mesmo tempo redator do diário *Le Figaro*; e Georges Gurvitch, de origem russa, com formação jurídica, que fazia parte de uma tradição de pesquisa de inspiração filosófica, interessou-se pela história das doutrinas sociais e políticas: Proudhon, Saint Simon, Marx, a quem dedicou vários cursos. Gurvitch havia editado um *Traite de sociologie*, no qual

escrevia a maioria dos sociólogos conhecidos da época: Georges Balandier, Roger Bastide, Georges Friedmann, Henri Mendras etc., além de historiadores e economistas: Fernand Braudel, André Marchal. Na *Sorbonne*, na época dos meus estudos, não havia vanguarda como tal. O livro *Os Herdeiros*, de Bourdieu e Passeron, publicado em 1964, representava uma forma de ruptura com a sociologia clássica; foi pouco depois, em Maio de 1968, que nós, membros do Centro de Sociologia Europeia, tivemos a sensação, se não de fazer parte de uma vanguarda, pelo menos de estar um pouco à frente das lutas.

Entrevistadoras: Qual foi a sua motivação para trabalhar com sociologia? Qual o espaço real que existia para mulheres naquele momento, na França?

Monique de Saint Martin: Quando trabalhei como documentalista em busca de estudos e documentos para sociólogos, arquitetos, urbanistas que estavam realizando pesquisas sobre o desenvolvimento da região de Paris, questões de urbanismo, habitação, transporte, fui incentivada a contribuir mais para o trabalho de pesquisa pelos pesquisadores com quem trabalhei. Fiz estudos de sociologia com a esperança e o desejo de realizar minhas próprias pesquisas. Entrei na *Ecole Pratique des Hautes Etudes* (EPHE), há 58 anos! E tive a oportunidade de trabalhar no Centro de Sociologia Europeia (CSE). Raymonde Moulin é a primeira com quem trabalhei, ela estava preparando seu livro sobre *Le marché de l'art* e terminando sua tese sob a supervisão de Raymond Aron. Tive a oportunidade de colaborar com ela, de fazer trabalhos técnicos durante dois ou três meses em uma calculadora enorme que funcionava muito devagar, onde calculei os preços das telas. Em seguida, depois desse trabalho, conheci Passeron e só depois, Bourdieu: foi a grande época para Bourdieu e Passeron das pesquisas sobre o ensino superior, da preparação do livro *Les Héritiers*. Pesquisei os dados estatísticos sobre os alunos, sua origem social e geográfica, sua distribuição por faculdades, sexo, os dados que são apresentados e analisados no anexo do livro.

Realizaram-se sucessivamente duas conferências, em Madrid, em 1964, e em Dubrovnik, em 1965, que se interessaram pelas relações entre desenvolvimento econômico e sistemas educativos, e foi-me pedido que compilasse uma bibliografia comparativa sobre os sistemas educativos nos diferentes países

mediterrânicos; isso se deveu aos meus conhecimentos de documentalista. Esse contexto deu origem ao *Cahier du CSE, Education, développement et démocratie* publicado em 1967 por Robert Castel e Jean-Claude Passeron. Pouco a pouco aprendi a conhecer e dominar, a partir da base, os diferentes componentes da profissão de sociólogo que eu aspirava praticar; a variedade de tarefas era grande e crescente.

O espaço para as mulheres se abria na sociologia. Havia muito menos mulheres do que homens, especialmente nos cargos mais altos; no entanto, tivemos sorte. As possibilidades se abriram para mim, à medida que eu progredia e aprendia o ofício. Tanto eu, no Centro de Sociologia Europeia, quanto Yvette Delsaut e Francine Muel-Dreyfus rapidamente obtivemos cargos de *chef de travaux* em la EPHE, equivalente a assistente na universidade, depois professor assistente. Para a direção de estudos na *École des Hautes Etudes* ou para se tornar professor universitário, era inegavelmente mais difícil para as mulheres. De fato, ministramos menos aulas e menos seminários do que os homens e estivemos mais envolvidas na organização de questionários coletivos, respeitando assim a tradicional divisão de tarefas entre homens e mulheres.

290

Entrevistadoras: Monique, gostaria que você contasse como chegou ao grupo de pesquisa coordenado por Pierre Bourdieu?

Monique de Saint Martin: Já contei em parte. Acrescento que a primeira vez que colaborei diretamente com Pierre Bourdieu, e ao mesmo tempo com Jean-Claude Passeron, foi durante a preparação do livro *Rapport pédagogique et communication*³. O que estava acontecendo entre um professor de graduação em sociologia ou filosofia e seus alunos? E o que exatamente os alunos entenderam quando assistiram a uma aula? Quão grandes foram os mal-entendidos? Como os alunos se relacionam com a linguagem educacional? Ao mesmo tempo, também trabalhei com Bourdieu em outra investigação, na biblioteca da universidade de Lille⁴. Passeron, que lecionava na *Sorbonne* e

3 BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude; SAINT MARTIN, Monique. (Org.). **Rapport pédagogique et communication**. Paris: Mouton, 1965. p. 125.

4 BOURDIEU, Pierre; SAINT MARTIN, Monique. Les utilisateurs de la bibliothèque universitaire de Lille. In: BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude; SAINT MARTIN, Monique. **Rapport pédagogique et communication**. Paris: Mouton, 1965. p. 9-36.

Bourdieu, que estava em Lille, haviam criado uma rede com outros colegas, professores de sociologia ou filosofia, e realizavam questionários com a ajuda deles em parte para compensar a falta de recursos financeiros. Ainda não havia a prática de grandes pesquisas estatísticas, que chegarão muito rapidamente. Muitas das pesquisas foram feitas no CSE graças a essa rede de professores, que faziam os alunos preencherem os questionários durante as aulas. Intelectualmente, é uma experiência que me marcou muito.

Entrevistadoras: Qual o trabalho que você desempenhava no grupo coordenado por Pierre Bourdieu? Gostaria de entender também como conseguiram trabalhar em grupo e articular pesquisadores de diferentes áreas para dar conta do trabalho proposto por Bourdieu. Os pesquisadores tinham bolsas e verbas para executá-lo? Atualmente é possível materializar esse tipo de pesquisa em grupo?

Monique de Saint Martin: A organização da pesquisa era muito diferente do que pensamos hoje, quando falamos de um projeto de pesquisa construído e amadurecido, apresentado para responder a algumas questões que estão previstas antes de iniciar as várias operações de investigação. A propósito, Jean-Claude Passeron nota a improvisação e o caráter artesanal das primeiras investigações nas quais *Les Héritiers* se baseia⁵. E algo importante nesse coletivo que se formou em torno de Bourdieu, ou melhor, Bourdieu e Passeron, era que havia uma divisão do trabalho de acordo com o conhecimento de cada um. Eu estava principalmente do lado dos questionários e do processo quantitativo, quando tive a grande oportunidade de trabalhar com Bourdieu e Passeron e participar de sessões de trabalho com eles.

O trabalho com Pierre Bourdieu, no que me diz respeito, durou trinta anos. A partir de 1998 fui para o Centro de Estudos dos Movimentos Sociais (CEMS) e em 2008 para o Instituto de Pesquisa Interdisciplinar sobre os desafios sociais (IRIS); o trabalho evoluiu muito durante estes anos. Conte os primórdios durante os quais aprendi muito; nos primeiros anos participei principalmente de

5 . MOULIN, Raymonde; VEYNE, Paul. Entretien avec Jean-Claude Passeron. Un itinéraire de sociologue. *Revue européenne des sciences sociales*, XXXIV, 1996, n° 103.

pesquisas coletivas, das quais pude extrair publicações individuais. Aos poucos, fui realizando mais pesquisas individuais, em particular, pesquisas sobre a nobreza antiga, que ganharam maior importância.

A maioria dos pesquisadores do grupo ocupou cargos nos anos em que trabalhei no CSE ou no Centro de Sociologia da Educação e da Cultura (CSEC), fundado em 1970 por Bourdieu, seja como professores em universidades, como pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa Científica, como professores-pesquisadores na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, ou ainda em outra instituição de pesquisa. Alguns, no entanto, dependiam de contratos de pesquisa, e a vida era muito mais difícil para eles do que para os titulares. Em geral, as bolsas eram concedidas a doutorandos. Havia de fato desigualdades entre nós, entre homens e mulheres, entre ex-alunos da *École Normale Supérieure* e os outros; ou ainda de acordo com a instituição a que estávamos ligados, e ao mesmo tempo, um ambiente muito caloroso e por vezes festivo, no qual esquecíamos essas diferenças.

292

Entrevistadoras: Eu te conheci na França em 2005 e desde então mantemos um forte diálogo à distância, com trocas constantes. Qual a relação que você mantém com a rede de pesquisa brasileira?

Monique de Saint Martin: Estou muito feliz, Maria, por este encontro e por nossas trocas que agora continuam a distância, em razão dos contratempos. Recentemente escrevi um artigo *A construção de uma rede de trocas em ciências sociais Brasil-França nos anos 1960-1990*, que aparecerá em 2022 em livro publicado nas edições do *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine* (IHEAL), onde reconstituo a história da rede de intercâmbio Brasil-França nas ciências sociais, composta principalmente por professores-pesquisadores e doutorandos do Brasil e da França, que foi construída a partir do final da década de 1960, por iniciativa de Sérgio Miceli e Moacir Palmeira, e na qual trabalhei ativamente. Na França, são os membros do Centro de Sociologia Europeia e do Centro de Sociologia da Educação e da Cultura os mais ativos nessa rede. Os membros dessa rede, no Brasil e na França, sociólogos e antropólogos em sua maioria, às vezes cientistas políticos, historiadores, economistas, não brasilianistas, mas fortemente interessados nas pesquisas realizadas no outro país, discutiam suas pesquisas e as de seus colegas, apresentaram comunicações em grandes conferências internacionais, ou

em seminários, publicaram inúmeros artigos e livros em ambos os países. Na maioria das vezes partilhavam uma abordagem e visão científica, devendo muito ao trabalho de Pierre Bourdieu, e um modo de construir e compreender objetos de investigação. Frequentemente unidos por laços de amizade e solidariedade, tinham prazer em se encontrar e trocar suas hipóteses, suas perguntas, de ambos os lados do Atlântico, às vezes em um terceiro país, por exemplo na Argentina, na Hungria ou na Rússia. A rede foi fortemente diversificada com o curso dos anos.

Realizei 11 missões de ensino e pesquisa no Brasil, a maioria em São Paulo na FGV, na USP, e no Rio de Janeiro no Museu Nacional, IFICS da UFRJ e UERJ, mas também em Campinas, São Carlos, Araraquara, Brasília, Belo Horizonte, Fortaleza, a primeira em 1976; e meu seminário na EHESS recebeu muitos estudantes brasileiros até minha aposentadoria em 2008. Eu dirigi várias teses de doutorandos brasileiros e participei de várias bancas; tive a grande oportunidade de escrever vários prefácios de livros de pesquisadores brasileiros; foi o caso de Maria Jardim para seu livro *Entre a solidariedade e o risco*. É preciso lembrar ainda, as pesquisas comparativas; eu penso especialmente na pesquisa sobre *Educação e fronteiras sociais*, desenvolvida na França, Brasil, Romênia e Suécia, nos anos 2005-2009 que possibilitou publicações nos quatro países.

293

Apreendi muito no Brasil e com pesquisadores e doutorandos brasileiros durante esses intercâmbios e posso dizer que essas experiências transformaram minha vida e minha visão de mundo. Foi assim que no Brasil entendi a necessidade de questionar o uso das diferentes categorias e não apenas de forma retórica. O longo e paciente confronto de conceitos, ferramentas, métodos e realidades me chamou a atenção para o fato de que antes de qualquer pesquisa com intenção comparativa, é imprescindível questionar os recortes e os processos de designação das categorias retidas na análise. Assim, entendi que alguns termos não podem ser traduzidos. Por exemplo, servidores públicos menores e servidores públicos não têm as mesmas características no Brasil e na França, nem as mesmas atitudes em relação à pesquisa⁶; os termos nobreza e nobre precisam ser esclarecidos e questionados na França e mais ainda no Brasil. Fui levada a me distanciar das análises das pesquisas realizadas na França sobre os

⁶ RODRIGUES, Arakcy Martins. Pratiques et représentations des petits fonctionnaires administratifs à São Paulo. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 73, jun 1988. p. 85-93.

descendentes da nobreza antiga, quando em 1995 eu apresentei essas pesquisas no seminário de Lygia Sigaud no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Os comentários e as questões colocadas me permitiram levar um pouco mais em conta os processos de desagregação e desclassificação das antigas nobrezas e de não considerar esses processos de forma muito substancial⁷.

Foram mais de quarenta anos de engajamento quase contínuo nessas trocas, sendo a maior parte do tempo coletivas. Tivemos parcerias numerosas e variadas, como defesas de teses, publicações, artigos, livros, grupos de trabalho e colóquios, coordenação de acordos e projetos coletivos de pesquisa; foram também muitas amizades e emoções compartilhadas e a descoberta de um dinamismo científico, sobre o qual pesam hoje ameaças. Como lembrar essas trocas intensas e produtivas, sem pensar nos violentos ataques repetidos contra as ciências sociais, lançados pelo atual presidente e seu governo? Eu aproveito para manifestar minha profunda solidariedade com os estudantes, pesquisadores e associações que resistem com força, coragem e dignidade.

⁷ Ver artigo publicado na revista *Mana*: SAINT MARTIN, Monique. Coesão e diversificação: os descendentes da nobreza na França, no final do século XX. **Mana. Estudos de antropologia social**, 8 (2) 2002. p. 127-149.